

Coro e Orquestra Gulbenkian

Nuno Coelho
Bertrand Chamayou
André Hencleeday



GULBENKIAN
MÚSICA

23 + 24 jan 2020

Coro e Orquestra Gulbenkian

**23 JANEIRO
QUINTA**

21:00 — *Grande Auditório*

**24 JANEIRO
SEXTA**

19:00 — *Grande Auditório*

CoroGulbenkian Orquestra Gulbenkian

Nuno Coelho Maestro

Bertrand Chamayou Piano*

André Hencleeday Multi-instrumentista

Jorge Matta Maestro do Coro Gulbenkian

IMAGEM DE CAPA: BERTRAND CHAMAYOU © MARCO BORGGREVE

Nuno da Rocha

*Inferno*¹

Para coro, orquestra e solista

INTERVALO

Maurice Ravel

Concerto para Piano e Orquestra
em Sol maior

Allegramente

Adagio assai

Presto

Daphnis et Chloé: Suite n.º 2

Lever du jour: Lent

Pantomime: Lent

Danse générale: Lent

¹ Estreia Mundial. Encomenda no âmbito
SP-LX – Música Contemporânea do Brasil e de Portugal

O concerto de 24 de janeiro é transmitido em direto pela RTP – Antena 2
*Por motivos de saúde, a pianista Beatrice Rana é substituída
por Bertrand Chamayou

Duração total prevista:
c. 1h 30 min.
Intervalo de 20 min.

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NANIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Museu do Livro, do Livro e das Casas

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA

BPI

Nuno da Rocha

Aveiro, 26 de junho de 1986

Inferno

Encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian e da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

COMPOSIÇÃO: 2019

TEXTO: Clément Bondu

ESTREIA: Lisboa, 23 de janeiro de 2020

DURAÇÃO: c. 27 min.

Um homem entra no Inferno. Sem saber porquê, chega junto das suas portas. Entra. Na estranheza. Da sua existência. Vê-se a si próprio como nunca se tinha visto. Este foi o mote que dei ao escritor Clément Bondu para construir uma narrativa. Em torno desta imagem *dantesca*. Queria que esta narrativa fosse como uma fina película que envolve o material musical. Não que ocupasse um plano de imposição sobre a perceção de quem a segue, mas que fosse como um pequeno conforto perante a música, que pode ser sempre tantas coisas diferentes para cada um dos que a escutam. Primeiro, o homem que ali entra encontra um conjunto de vozes – como um coro quase impercetível na sua mensagem — que o recebe e o traz para dentro daquele espaço. Depois, ouve uma só voz. Serena, mas firme. Parece que lhe fala. Que lhe é dirigida. Mais tarde, aquelas vozes que o receberam começam a tornar-se menos difusas. Parece uma Torre de Babel. Aquele espaço parece. “*Eu pequei*” – diz uma delas. “*Do you know what Charon told me?*” – pergunta outra. Parece que se torna cada vez mais comum aquele espaço. Para ele, gradualmente. Ele já é dali. Ali pertence. Como um sem-abrigo após a primeira semana na rua.

“*Così li dissi; e poi che mosso fue, intrai per lo cammino alto e silvestro...*”

Inferno, Dante Alighieri

Depois da normalização. Já imaginaram a primeira semana de um sem-abrigo na rua? Aquela voz serena volta a falar-lhe. Apresenta-se. Meio indiferente, parece. E o homem que ali chegou e que a escuta vê um espelho de si próprio. Por cada e em cada uma das palavras. No conforto. Da sua não-existência. Percebe que, afinal, não chegou ao Inferno.

Nuno da Rocha

Nuno da Rocha estudou composição com Vasco Mendonça, Carlos Marecos, Luís Tinoco, Carlos Caires e António Pinho Vargas. Licenciou-se em composição pela Escola Superior de Música de Lisboa. É doutorando em composição na Royal Academy of Music, em Londres. Em 2009 participou na *19th internationale sommerakademie*, na Áustria, tendo trabalhado com o compositor Nigel Osborne, com o maestro Michael Wendeborg e com o grupo de música contemporânea Klangforum Wien. Em 2010 esteve presente no *16th young composers meeting*, em Apeldoorn (Holanda), com a Orkest de Ereprijs. Este encontro foi dirigido pelos compositores Louis Andriessen,



NUNO DA ROCHA © GM – MÁRCIA LESSA

Richard Ayres, Martijn Padding, Jan van de Putte, Micheal Smetanin e Helena Tolve. Em 2011 escreveu a música para a exposição *A kills B – ação imagética, Ifigénia e Isaac*, apresentada no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. Ganhou o 3.º Prémio do Concurso de Composição da SPA / RTP (setembro de 2012) com a peça *O que será do rio without John Cage?*, para orquestra barroca, peça estreada pelos Divino Sospiro no Festival Jovens Músicos 2012. Em 2014 foi selecionado para o *TENSO Young Composers Workshop 2014* (Bélgica), no qual trabalhou com o coro Danish VokalEnsemblet, com o maestro/compositor James Wood e com o compositor Leo Samama. Participou na 2.ª fase, em Riga, e foi finalista do *TENSO Award 2014*, em Copenhaga. Foi também selecionado para o *workshop Composing for Voice*, da rede *enoa*, orientado pelo compositor Magnus Lindberg e pela soprano Barbara Hannigan. Deste *workshop* resultou a peça *I could not think of thee as piecèd rot* (setembro 2014), estreada pela Orquestra Gulbenkian e pela soprano Inês Simões, sob a direção de Magnus Lindberg. Em outubro de

2015, a Orquestra Gulbenkian e a maestra Joana Carneiro estrearam a peça *Restart*. Nesse ano, Nuno da Rocha foi Jovem Compositor em Residência na Casa da Música, tendo resultado desta colaboração a encomenda de três obras: para o Trio Portucale, para o REMIX Ensemble e para a Orquestra Sinfónica do Porto - Casa da Música. Em 2016 foi um dos compositores residentes na *Song and Creation Residency*, promovida pela Academia do Festival d’Aix-en-Provence. Durante essa residência foi estreada a peça *ECCE PUER*, para meio-soprano, barítono e piano preparado. Em novembro foi lançado o seu primeiro álbum monográfico, *Mesmo que faça frio*, reunindo todas as suas obras para vozes brancas. Nuno da Rocha foi também um dos compositores nomeados para a TOTEM (Théâtre Opéra Texte et Écriture musicale) 2017-18, organizado pelo Festival d’Avignon. Para este encontro escreveu a música para duas pequenas óperas de câmara. Em outubro de 2019 foi lançado o segundo álbum monográfico, *O que será do rio*, com todas as suas obras para orquestra barroca.

Inferno

Música **Nuno da Rocha**

Texto **Clément Bondu**

Nous nous sommes vus
comme jamais auparavant.

1. UN HOMME

(lui, un souvenir)

Tu as ouvert la porte.
Tu es sorti
Fermé la porte derrière toi.
Descendu les marches,
traversé le hall de l'immeuble,
sorti à nouveau
La porte derrière toi (a claqué).
C'est l'aube
Tu marches dans la ville.
L'air est humide, froid,
comme l'est toujours l'hiver
ici, dans ton pays
Tu es en retard
Tu marches devant toi.
Tu remarques maintenant
un groupe de gens amassés,
là-bas dans l'ombre
Tu accélères le pas.
C'est l'aube
Tu traverses la brume humide,
épaisse comme la nuit,
blanche comme la nuit.
Les bruits se rapprochent.
Tu penses
«ils me suivent»
Tu accélères encore.
(D'autres t'attendent, peut-être,
au coin de la rue.)
Les bruits se rapprochent.
«Ils te suivent»
Tu entends maintenant
des grincements, des voix.
Tu cours, presque, maintenant,

Vimo-nos uns aos outros
como nunca dantes.

1. UM HOMEM

(ele, uma lembrança)

Tu abriste a porta.
Tu saíste.
Fechaste a porta atrás de ti.
Desceste os degraus,
atravessaste o átrio do prédio,
saíste de novo.
A porta atrás de ti (bateu).
Amanhece.
Tu caminhas pela cidade.
O ar está húmido, frio,
como sempre o está o inverno
aqui, no teu país.
Tu estás atrasado.
Tu caminhas em frente.
Tu agora observas
um grupo de pessoas amontoadas,
lá na sombra.
Tu aceleras o passo.
Amanhece.
Tu atravessas a névoa húmida,
cerrada como a noite,
branca como a noite.
Os barulhos aproximam-se.
Tu pensas:
«estão a seguir-me»
Tu aceleras ainda mais.
(Outros esperam-te, quizá,
na esquina da rua.)
Os barulhos aproximam-se.
«Estão a seguir-te»
Tu agora ouves
rangidos, vozes.
Tu corres, quase, agora,

dans l'air épais,
la brume humide et blanche
comme la nuit.
Soudain, en sueur,
un homme t'arrête.
C'est fini.

2. LE CHOEUR DES MORTS

(une foule, témoins)

Nous avons frappé aux portes
des chambres les plus sombres de l'enfer.
Poussés à bout,
nous nous sommes engouffrés.
Nous nous sommes vus
comme jamais auparavant.

[VOIX 1]

*Erraba yo por la ciudad oscura,
por calles y por rostros
caídos a esa sombra,
desde la vida o desde las estrellas...*

[VOIX 2]

E tu? O que fizeste tu?
Eu sei porque estou aqui.
Eu pequei.
A culpa foi minha.
O grande hotel universal.
O grande livro de imagens.

[VOIX 3]

*Έχασα τη δουλειά μου όταν πέθανα.
Έχασα το σπίτι μου.
Έπεσα στη θάλασσα να κολυμπήσω
Δεν βγήκα ποτέ από μέσα της.*

[VOIX 4]

Qu'est-ce que tu veux ?
Du lotissement au boulot,
du boulot au lotissement...
Bosses comme un chien
pour nourrir ses gosses,
trois jours de vacances.
et basta.

no ar cerrado,
a névoa húmida e branca
como a noite.
De repente, a suar,
um homem para-te.
Acabou.

2. O CORO DOS MORTOS

(uma multidão, testemunhas)

Nós batemos às portas
dos quartos mais escuros do inferno.
Levados ao extremo,
vimo-nos afundar no abismo.
Vimo-nos uns aos outros
como nunca dantes.

[VOZ 1]

*Vagueava eu pela cidade escura,
por ruas e por rostos
caídos nessa sombra,
ora da vida ora das estrelas...*

[VOZ 2]

E tu? O que fizeste tu?
Eu sei porque estou aqui.
Eu pequei.
A culpa foi minha.
O grande hotel universal.
O grande livro de imagens.

[VOZ 3]

*Perdi o meu emprego quando morri.
Perdi a minha casa.
Caí no mar para nadar.
Nunca saí dele.*

[VOZ 4]

Queres o quê?
Do bairro ao trabalho,
do trabalho ao bairro...
Mourejar que nem um cão
para dar de comer à canalha,
três dias de férias.
e basta.

[VOIX 5]

Do you know what Charon told me?
«It is only about your belief.»
I was living in the streets.
Something like a hole under the ground,
right inside the Earth.
I very much prefer to be here,
with you,
my friend.

[VOIX 6]

*Così li dissi; e poi che mosso fue
intraì per lo cammino alto e silvestro...*

3. CHARON

(l'homme, un souvenir)

C'est moi l'homme à la barque,
moi le passeur,
Charon.
Je ne suis pas responsable.
On me paye pour ça.
Je n'ai rien fait.
C'est mon travail.
J'ai fait mon travail.
C'est tout.
Vous comprendrez, avec le temps.
C'est simple.
Comme un château de papier
dans une chambre d'enfant.
Le soleil brille à travers le mur.
Le château brûle.
Personne ne sait pourquoi.

LE CHOEUR DES VIVANTS:

Le château brûle.
Personne ne sait pourquoi.

[VOZ 5]

Sabes o que me disse Caronte?
«É tudo uma questão de crença.»
Eu estava a viver nas ruas.
Quase como um buraco debaixo do chão,
bem dentro da Terra.
Prefiro de longe estar aqui,
contigo,
meu amigo.

[VOZ 6]

*Assim lho disse; e quando partiu
adentrei o caminho alto e bravio...*

3. CARONTE

(o homem, uma lembrança)

Sou eu o homem da barca,
eu o passador,
Caronte.
Não sou eu o responsável.
Pagam-me para isto.
Eu não fiz nada.
É o meu trabalho.
Eu fiz o meu trabalho.
Só isso.
Hão de perceber, com o tempo.
É simples.
Como um castelo de papel
num quarto de criança.
O sol brilha por entre as muralhas.
O castelo arde.
Ninguém sabe porquê.

O CORO DOS VIVOS:

O castelo arde.
Ninguém sabe porquê.

TRADUÇÃO: LINGUAEMUNDI

Maurice Ravel

Concerto para Piano e Orquestra em Sol maior

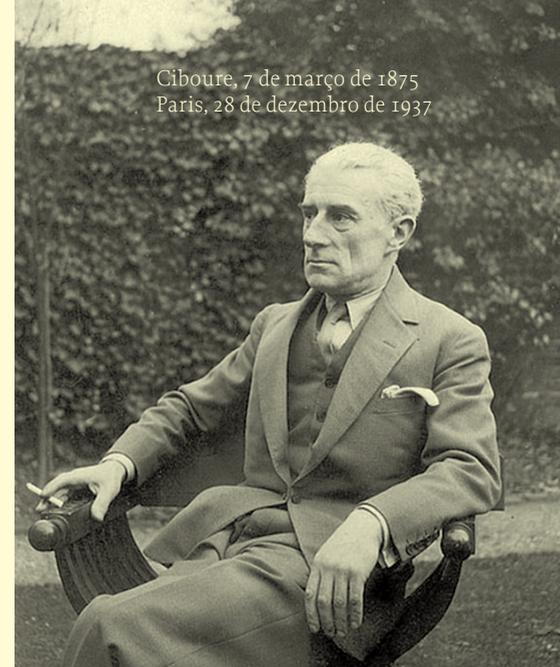
COMPOSIÇÃO: 1929-1931
ESTREIA: Paris, 14 de janeiro de 1932
DURAÇÃO: c. 22 min.

Daphnis et Chloé: Suite n.º 2

COMPOSIÇÃO: 1909-1912/1913
ESTREIA: Paris, 1913
DURAÇÃO: c. 16 min.

Decorria o ano de 1928 quando Maurice Ravel pensou em compor o seu **Concerto para Piano e Orquestra em Sol maior**. Depois de uma viagem de cinco meses pelos Estados Unidos da América, o compositor francês decidiu que queria escrever um concerto para apresentar em digressão mundial. Em 1929, quando já se debruçava sobre a composição desta obra, Ravel vê o seu trabalho ser interrompido por uma encomenda pouco habitual. O pianista austríaco Paul Wittgenstein, que perdera o braço direito na Primeira Guerra Mundial, encomendara-lhe um concerto para piano, surgindo assim o conhecido *Concerto para a mão esquerda*. Ravel trabalhou dedicadamente durante os dois anos que se seguiram, compondo os seus dois concertos para piano e orquestra em simultâneo. O Concerto em Sol maior ficou concluído em 1931 e a parte solística foi confiada a Marguerite Long, uma reconhecida pianista francesa a quem o compositor dedicara o respetivo concerto. A saúde já debilitada de Ravel não lhe permitiu tocar a sua obra, porém, não o impediu de a dirigir. Foi precisamente sob a sua batuta que

Ciboure, 7 de março de 1875
Paris, 28 de dezembro de 1937



MAURICE RAVEL © DR

o Concerto estreou na famosa Salle Pleyel em Paris, a 14 de janeiro de 1932, exatamente nove dias depois da estreia, em Viena, do *Concerto para a mão esquerda*. É pelo flautim que o primeiro andamento, *Allegremente*, se apresenta repleto de vivacidade. Depois de um breve solo de corne inglês, que impõe um andamento *meno vivo*, o piano manifesta-se com um tema onde as influências do jazz começam logo por se notar. Se dúvidas houvesse, o segundo tema, introduzido pelo clarinete, imediatamente nos transporta às típicas sonoridades de Gershwin, percebendo-se claramente as correntes jazzísticas que Ravel tanto admirava e que certamente se acentuaram depois da sua viagem aos EUA. Duas secções mais lentas são o coração expressivo do andamento e o foco de uma série de efeitos tímbricos onde a sobreposição de tonalidades está bem presente. O *Larghetto* do Quinteto para Clarinete (K. 581) de Mozart foi, segundo Ravel, a inspiração para o *Adagio assai*. Em claro contraste, este segundo andamento inicia-se com uma longa linha melódica do piano, na altura bastante

elogiada por Long. Um segundo tema surge mais tenso devido ao uso de harmonias dissonantes, até ao regresso do primeiro tema pelo som do corne inglês. O Concerto termina com um *Presto* brilhante e rápido. Rítmicas intervenções da percussão, motivos enérgicos dos sopros e uma escrita complexa do piano, fazem deste andamento, que termina com os mesmos quatro acordes com que começou, um verdadeiro catálogo de virtuosismo para o solista e para orquestra. Repleta de elementos únicos e inovadores, mas mantendo os aspetos formais clássicos, percebemos como é fácil criar empatia com esta obra. Os planos para uma digressão mundial acabariam por não se concretizar, todavia, Ravel e Long percorreram inúmeras cidades europeias interpretando a obra com enorme sucesso. A última destas apresentações terá acontecido no final de 1933, altura em que a saúde do compositor o levou a afastar-se dos palcos.

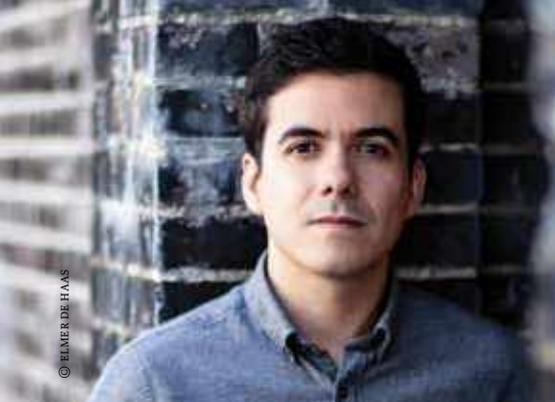
Temos de recuar cerca de 20 anos para encontrar o trabalho de Ravel em torno do bailado *Daphnis et Chloé*. Encomendado por Sergei Diaghilev, empresário dos *Ballets Russes*, a música começou a ser escrita em 1909, porém, contratemplos e desacordos entre o coreógrafo Michel Fokine e o bailarino Vaslav Nijinski (Daphnis), assim como entre o próprio Ravel e Fokine, acabariam por atrasar o processo de composição. Frustrado pelas divergências de opinião, Ravel extraiu da primeira parte do bailado uma primeira suite, que, para grande aborrecimento de Diaghilev, foi apresentada antes mesmo de toda a obra estar completa. A Suite n.º 2 surgiria após a estreia do bailado, em 1912, tendo sido extraída a partir da segunda metade do mesmo.

Baseado num antigo romance grego do poeta Longus, a história passa-se no campo à beira de um bosque sagrado onde ovelhas pastam e ninfas brincam, cenário para o amor entre o jovem pastor Daphnis e a sua bela Chloé. Ravel sugere o *Nascer do dia* através de rápidas figuras nos sopros sobre uma linha cromática de violoncelos e contrabaixos. Esta textura é interrompida por algo que só podemos imaginar como sendo o canto dos pássaros, traduzindo este início numa “autêntica evocação poética da natureza”. A suavidade do amanhecer dá lugar a um tema apaixonado nas cordas que simboliza o abraço entre os dois amantes. Na secção que se segue, *Pantomima*, o casal dança em homenagem ao deus Pan, narrando o seu amor pela ninfa Syrinx. Pan, com a sua flauta, incita Chloé a dançar ao som de uma melodia encantada, mas melancólica. Esta segunda secção distingue-se por um dos solos de flauta mais icónicos do repertório orquestral. Marcado pela utilização de compassos com cinco tempos, sobre os quais Ravel e Fokine terão discordado devido à dificuldade que colocava aos bailarinos, a *Dança geral* celebra o noivado do casal e antecipa o final intenso e frenético de outra obra do compositor, *La valse*. *Daphnis et Chloé* foi concebido como uma “sinfonia coreográfica” que, nas palavras de Ravel, fora “construída usando um pequeno número de temas cujo desenvolvimento garante a homogeneidade sinfónica da obra”. Embora assumida pelo compositor a sua inspiração em *Scheherazade* de Rimsky-Korsakov, não podemos ignorar o paralelismo com *Sirènes* dos *Nocturnes* de Debussy, devido ao uso de um coro sem palavras. Para Igor Stravinsky, “Não é apenas o melhor trabalho de Ravel, mas um dos produtos mais bonitos de toda a música francesa”.

ÉLIO ANES LEAL

DAPHNIS ET CHLOÉ, POR ELIZABETH J. G. BOUGUEREAU (1837-1922) © DR





© ELMER DE HAAS

Nuno Coelho

Maestro

Vencedor do Concurso Internacional de Direção de Orquestra de Cadaqués em 2017, Nuno Coelho é o atual Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian. Para além dos concertos em Portugal, Espanha, Japão, China e América Latina, ao longo da temporada 2019-20 estreia-se à frente da Royal Liverpool Philharmonic, da Orquestra Nacional de Lille, da Sinfónica de Stavanger, da Sinfónica de Hamburgo e da Dresden Philharmonie. Enquanto *Dudamel Fellow*, teve oportunidade de dirigir a Filarmónica de Los Angeles em diversas ocasiões. Foi Maestro Assistente da Nederlands Philharmonisch Orkest entre 2015 e 2017. No domínio da ópera, dirigiu *La Traviata*, *Cavalleria Rusticana*, *Rusalka* e *Das Tagebuch der Anne Frank*. Em 2016 e 2017, como *Conducting Fellow do Festival de Tanglewood*, dirigiu vários concertos com a orquestra do festival. Nuno Coelho nasceu no Porto em 1989. Estudou violino em Klagenfurt e Bruxelas, e direção de orquestra em Zurique, com Johannes Schlaefli. Recebeu o 1.º Prémio no Concurso de Direção do Prémio Jovens Músicos da Antena 2, o *Neeme Järvi Prize* do Festival Menuhin de Gstaad e foi finalista no Concurso do Festival de Salzburgo para jovens maestros. Em 2014 foi bolseiro da Fundação Gulbenkian e em 2015 foi aceite no *Dirigentenforum* do Centro Alemão para a Música, que mais tarde o nomeou para a sua lista Conductors of Tomorrow.



© MARCO BORGREVE

Bertrand Chamayou

Piano

Bertrand Chamayou nasceu em Toulouse, cidade onde iniciou a sua formação musical. Estudou com Jean-François Heisser, no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, e com Maria Curcio, em Londres. Com grande segurança, imaginação e consistência artística, domina um repertório extenso, sendo um convidado regular de prestigiosos palcos como o Théâtre des Champs-Élysées de Paris, o Lincoln Center de Nova Iorque, a Herkulesaal de Munique ou o Wigmore Hall de Londres. Apresenta-se também em importantes festivais como o *Mostly Mozart* de Nova Iorque ou os festivais de Lucerna, Salzburgo, Edimburgo, Rheingau e Bona. Ao longo da presente temporada, estreia-se com a Sinfónica de Chicago e o maestro Herbert Blomstedt, a Filarmónica de Munique e Karina Canellakis, a Sinfónica de Gotemburgo e Elim Chan e a Filarmónica de Dresden e Louis Langrée. No domínio da música de câmara, colaborou com músicos como Renaud e Gautier Capuçon, Antoine Tamestit, Sol Gabetta ou o Quarteto Ébène. Na presente temporada apresenta-se em recital no Théâtre des Champs-Élysées, no Wigmore Hall, nas *Schubertiade Hohenems* e no Prinzregententheater de Munique. Bertrand Chamayou é o único artista distinguido quatro vezes com o prestigiado galardão francês *Victoires de la Musique*. Artista Warner/Erato, recebeu em 2016 o prémio ECHO *Klassik* pela sua gravação integral das obras para piano de Ravel.



© PEDRO ROQUE

André Hencleeday

Multi-instrumentista

André Hencleeday nasceu em Lisboa em 1988. Foram-lhe dadas todas as condições para conseguir concretizar o que quisesse por ação e à custa de Elizabete da Silva Conceição Hencleeday e Paulo Jorge Carvalho Hencleeday. Terminou o Curso de Piano no Conservatório Nacional, bem como a Licenciatura em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa.



© MATTHIEU EDET

Clément Bondu

Escritor

O escritor, poeta e encenador francês Clément Bondu nasceu em 1988. Estudou na École Normale Supérieure en Lettres Modernes e realizou formação teatral em diferentes instituições (ENSATT, CNSAD). Consagra-se essencialmente à escrita (poemas, peças de teatro, récitas, filmes, libretos de ópera), mas cria também projetos de encenação para a sua companhia *Année Zéro*. Em 2009 publicou os seus primeiros poemas e em 2011 foi-lhe atribuída uma bolsa do Centre National du Théâtre para a sua peça *Idiots*. Em 2013 publicou a recolha de poemas *Premières impressions* (L'Harmattan) e em 2014 foi escritor residente do Théâtre 95 de Cergy, onde escreveu e encenou a peça *Roman*. Mais recentemente, em 2018, cumpriu uma residência no Les Plateaux Sauvages, em Paris. Na Chartreuse-CNES, em Villeneuve-lez-Avignon, apresentou *L'Enfant*, no quadro dos *Rencontres d'été*, com música de Nuno da Rocha e Jamie Man. Em 2019, para além da autoria dos textos da obra orquestral *Inferno*, de Nuno da Rocha, apresentou *Les Adieux*, com o compositor Jean-Baptiste Cognet, no Théâtre de la Cité internationale, em Paris. Com a École Supérieure d'Art Dramatique de Paris, escreveu e encenou o espetáculo *Dévotion, dernière offrande aux dieux morts*, estreado em julho de 2019 no Gymnase du Lycée St Joseph, no quadro do 73.º Festival d'Avignon.

Coro Gulbenkian



Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, podendo atuar também em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo *a cappella*, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado pelas mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, ou a Orquestra Juvenil Gustav Mahler. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz Welser-Möst, Gerd Albrecht, Gustavo Dudamel,

Jonathan Nott, Michael Gielen, Michael Tilson Thomas, Rafael Frübeck de Burgos, René Jacobs, Theodor Guschlbauer, ou Esa-Pekka Salonen, entre muitos outros. O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Jorge Matta é o Maestro Adjunto e Dominique Tille é Maestro Assistente.

Michel Corboz Maestro Titular

Jorge Matta Maestro Adjunto

Dominique Tille Maestro Assistente

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ana Raquel Sousa
Beatriz Ventura
Carla Frias
Claire Santos
Clara Coelho
Joana Siqueira
Mariana Moldão
Natasa Sibalic
Rosa Caldeira
Rosário Azevedo
Sara Afonso
Tânia Viegas
Verónica Silva

CONTRALTOS

Beatriz Cebola
Carmo Coutinho
Catarina Saraiva
Fátima Nunes
Inês Mazoni
Liliana Silva
Mafalda Borges Coelho
Manon Marques
Marta Queirós
Michelle Rollin
Rita Tavares

TENORES

Bruno Sales
Gerson Coelho
Hugo Martins
João Pedro Afonso
João Custódio
Manuel Gamito
Nuno Fonseca
Nuno Raimundo
Pedro Rodrigues
Rui Miranda
Sérgio Fontão
Tiago Sousa

BAIXOS

Fernando Gomes
Hugo Wever
João Costa
João Luís Ferreira
Miguel Jesus
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Rui Borrás
Rui Gonçalo
Tiago Batista
Tiago Navarro

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Marta Ferreira de Andrade
Joaquina Santos
Inês Nunes

Orquestra Gulbenkian



© GM - MÁRCIA LESSA

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS
 Raphaëlle Moreau
*Concertino Principal**
 Francisco Lima Santos
1º Concertino Auxiliar
 Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
 António José Miranda
 Pedro Pacheco
 Alla Javoronkova
 David Wahnnon
 Ana Beatriz Manzanilla
 Elena Ryabova
 Maria Balbi
 Otto Pereira
 Tamila Kharambura*
 David Ascensão*
 Tomás Costa*
 Teresa Pinheiro*
 Sara Llano*

SEGUNDOS VIOLINOS
 Alexandra Mendes *1º Solista*
 Jordi Rodriguez *1º Solista*
 Anna Paliwoda *1º Solista**
 Cecília Branco *2º Solista*
 Jorge Teixeira
 Tera Shimizu
 Stefan Schreiber
 Maria José Laginha
 Félix Duarte*
 Miguel Simões*
 Flávia Marques*
 Mafalda Rodrigues*
 David Bento*
 Rui Fernandes*
 Filipa Poejo*

VIOLAS
 Samuel Barsegian *1º Solista*
 Lu Zheng *1º Solista*
 Leonor Braga Santos *2º Solista*
 Christopher Hooley
 Maïa Kouznetsova
 Artur Mouradian*
 Leonor Fleming*
 Nuno Soares*
 Precilia Diamantino*
 Milan Radocaj
 Isabel Garcia*
 Bárbara Pires*
 Ricardo Mateus*

VIOLONCELOS
 Varoujan Bartikian *1º Solista*
 Marco Pereira *1º Solista*
 Martin Henneken *2º Solista*
 Levon Mouradian
 Jeremy Lake
 Raquel Reis
 Jaime Polo*
 Catarina Távora*
 João Valpaços*
 Pedro Serra e Silva*
 Margarida Vieira*
 Nika Vremsak*

CONTRABAIXOS
 Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
 Domingos Ribeiro *1º Solista*
 Manuel Rego *1º Solista*
 Marine Triolet *2º Solista*
 Maja Plüddemann
 Romeu Santos*
 Vanessa Lima*
 João Alves*

FLAUTAS
 Cristina Ánchel *1º Solista*
 Ana Filipa Lima *1º Solista**
 Amália Tortajada *2º Solista*
 Mafalda Carvalho *2º Solista**

OBOÉS
 Pedro Ribeiro *1º Solista*
 Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
 Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
 Corne inglês

CLARINETES
 Iva Barbosa *1º Solista*
 Telmo Costa *1º Solista*
 José María Mosqueda *2º Solista*
 Clarinete baixo
 Ricardo Alves *2º Solista**

FAGOTES
 Ricardo Ramos *1º Solista*
 Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
 Raquel Saraiva *2º Solista*
 Roberto Erculiani *2º Solista**

TROMPAS
 Gabriele Amarù *1º Solista*

Luís Duarte *1º Solista**
 Kenneth Best *1º Solista*
 Eric Murphy *2º Solista*
 Pedro Fernandes *2º Solista**

TROMPETES
 Adrián Martínez *1º Solista*
 Carlos Leite *1º Solista Auxiliar**
 David Burt *2º Solista*
 William Castaldi *2º Solista**

TROMBONES
 Sergi Miñana *1º Solista*
 Rui Fernandes *2º Solista*
 Nuno Henriques *2º Solista**

TUBA
 Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES
 Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO
 Abel Cardoso *2º Solista*
 Marco Fernandes *2º Solista**
 Sandro Andrade *2º Solista**
 José Vitorino *2º Solista**
 Cristiano Rios *2º Solista**
 João Ramalho *2º Solista**
 Francisco Sequeira *2º Solista**

CELESTA
 Inês Mesquita *1º Solista*

HARPAS
 Carolina Coimbra *1º Solista**
 Ana Ester Santos *2º Solista**

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
 António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
 Américo Martins, Marta Ferreira
 de Andrade, Raquel Serra,
 Fábio Cachão, Pedro Canhoto
 e Bernardo Beirão

Com a BPI App pode ver todas as suas contas. Mesmo noutros Bancos.

PROGRAMAS E ELENÇOS
SUJEITOS A ALTERAÇÃO SEM AVISO PRÉVIO.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público. Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

quase
A BPI App tem tudo.

A adesão à BPI App é gratuita. Adira já.
Saiba mais em bancobpi.pt



DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
700 exemplares
PREÇO
2€

Lisboa, Janeiro 2020

